

COM SEPENTES NA ALMA: O EMBATE ENTRE SELF E SOMBRA EM *THE MARBLE FAUN* DE NATHANIEL HAWTHORNE

Valter Henrique de Castro Fritsch (FURG)¹

Resumo: A sombra é um dos conceitos mais reconhecidos da teoria junguiana sendo construída pela fraqueza e repressão dos instintos. Muitos poderes estão engajados na formação de nossa sombra, determinando tudo o que não pode ser expresso pelo nosso comportamento em sociedade. A família, as instituições educacionais e as religiões são os criadores deste ambiente complexo, no qual aprendemos como comportar-nos. Neste trabalho, vou explorar a importância do arquétipo da sombra para a compreensão do caráter de Donatello no romance *The Marble Faun* e como a tensão entre a imaginação e a razão em um ambiente gótico pode reforçar essa constituição dual e sombria.

Palavras-chave: Nathaniel Hawthorne; Sombra; Carl Gustav Jung

Antes de Freud e Jung desenvolverem seus estudos sobre o inconsciente e sua profunda escuridão, um escritor britânico já havia provocado uma reflexão sobre esse assunto em seu romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Stevenson concebeu em seu romance uma espécie de pesadelo no qual um homem apresenta-se dividido em duas personalidades, sendo uma delas gentil e generosa e a outra destrutiva e perversa. Intuitivamente, Stevenson concebe o esquema da sombra, desenvolvido por Jung alguns anos depois. A sombra é um dos conceitos mais reconhecidos da teoria junguiana sendo construída pela fraqueza e repressão dos instintos. Muitos poderes estão engajados na formação de nossa sombra, determinando tudo o que não pode ser expresso pelos seres humanos. A sociedade, a nossa família, as instituições educacionais e as religiões são os criadores deste ambiente complexo, no qual aprendemos a comportar-nos dentro de um sistema de regras éticas e morais.

Neste trabalho, vou explorar a importância do arquétipo da sombra para a compreensão do caráter do personagem Donatello do romance *The Marble Faun* de Nathaniel Hawthorne e como a tensão entre a imaginação e a razão em um ambiente

¹ Professor adjunto do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG – Área de Concentração em Estudos da Linguagem. Mestre e Doutor em Estudos Literários – Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: valter.fritsch@furg.br



gótico pode reforçar essa constituição dual e sombria. Existe uma inesgotável capacidade criadora na imaginação humana. Ela é a responsável pela potencialização das dimensões simbólicas de qualquer criação, seja ela artística ou não. Antes de criarmos algo, antes de compreendermos um conceito racionalmente, passamos pelo crivo da imaginação. Ela é a força primeva que abre toda e qualquer possibilidade para o que convencionamos chamar de realidade, e, mesmo assim, apresenta-se como a sua força opositora. A imaginação é geralmente associada ao irreal, à inverdade, ao mito, ao sonho e ao devaneio, enquanto a realidade é aquela que sustenta as bases do axioma filosófico da busca da Verdade ou das Verdades do pensamento ocidental.

Contudo, o pensamento filosófico surge, sustenta-se e é atravessado pela imaginação e pela dimensão subjetiva de seus produtos – os sonhos, os devaneios, as histórias, a literatura, as artes, a religião e a mitologia. Os produtos da imaginação, ao oporem-se àqueles da realidade, criam uma espécie de cisão – uma fratura – entre as dimensões do pensamento simbólico, que encontra suas raízes na filosofia de Platão, e as do raciocínio lógico-aristotélico. A fratura humana nasce a partir de nossa necessidade hermenêutica de dar sentido às coisas e aos acontecimentos do mundo que nos cerca e a partir de nossa interação com as alteridades.

Embora Hawthorne não estivesse ciente destes conceitos no momento em que escreveu o romance *The Marble Faun*, tais ideias parecem caber muito bem na trajetória de Donatello, desde o início, a narrativa é repleta de elementos simbólicos que sugerem aspectos da dualidade da psique humana, elementos que representam a luta antitética que todo homem realiza para construir sua própria personalidade e assumir seu lugar no mundo. Este é um conceito que está fortemente ligado à visão junguiana do inconsciente, especialmente no aspecto que diz respeito à estrutura arquetípica de tal conceito.

No início do romance, Hawthorne nos apresenta os quatro personagens principais – Miriam, uma exótica, linda e rica mulher que se dedica à pintura; Donatello, o conde de Monte Beni, um jovem italiano descrito como pueril, inocente e sem nenhuma densidade moral ou emocional que é um profundo admirador da arte e da beleza de Miriam; Hilda, uma bela e virtuosa mulher americana que está em Roma estudando pintura e Kenyon, um jovem escultor americano que está trabalhando em Roma.

Confrontados com a estátua do *Fauno de Praxiteles* no museu do Capitol, os quatro amigos ficam profundamente admirados com a semelhança entre a escultura de mármore



e Donatello. Na mitologia grega o fauno era uma criatura meio humana, meio animal, que promovia folguedos e danças nos bosques, especialmente durante a primavera. Na aparência externa parecia muito com um ser humano, exceto pelas orelhas peludas e pontiagudas e as patas de bode. O fauno é sempre apresentado como uma criatura feliz, e ele está geralmente tocando um instrumento musical, trazendo alegria e felicidade para aqueles que forem capazes de ouvir suas canções. No romance, Donatello é muito semelhante ao fauno e isso traz para seu comportamento uma certa qualidade pueril, apresentando-o como um menino tolo que está sempre tentando entreter seus amigos, trazendo alegria e felicidade para suas vidas, como o fauno original no mito grego.

Contudo, na situação apresentada por Hawthorne em *The Marble Faun*, não podemos aplicar apenas este aspecto leve do fauno ao personagem Donatello, como sugeriram seus amigos no museu. Donatello é muito parecido com o fauno descrito e isso traz a seu comportamento uma certa qualidade silvestre – ele é descrito como profundo admirador da natureza e gosta de passar horas passeando por bosques. No entanto, Donatello deve enfrentar seu lado obscuro através de sua jornada no romance de Hawthorne, revelando o aspecto sombrio desta criatura mitológica, que foi capaz de entreter, mas também para seduzir e matar, se necessário. O Fauno atua aqui como um símbolo perfeito do confronto entre *self* e sombra, instinto e razão, materialidade e imaginação. A revelação de sua sombra começa no preciso momento em que os quatro amigos estão nas cavernas subterrâneas de Roma no terceiro capítulo. O próprio Hawthorne afirma: "Foi ele a quem chamaram Donatello, cuja maravilhosa semelhança com o Fauno de Praxiteles é a chave da nossa narrativa." (HAWTHORNE, 2004, p.11). Como uma criatura solar, Donatello mostra uma profunda aversão a ambientes sombrios e que lembrem a morte, como na passagem

Eu odeio tudo isso! Gritou Donatello com energia peculiar. Caros amigos, vamos nos apressar de volta à bendita luz do dia! Desde o primeiro momento, Donatello mostrou pouca disposição para a expedição; pois, como a maioria dos italianos, e em especial de acordo com a lei de sua própria natureza simples e fisicamente feliz, este jovem tinha uma repugnância infinita por sepulturas e crânios, e para toda a infelicidade que a mente gótica adora associar à Ideia de morte. Ele estremeceu e olhou com medo, aproximando-se de Miriam, cuja atrativa influência o atraiu para aquela região sombria. (HAWTHORNE, 2004, p.13)



Donatello tem uma resistência em adentrar as sombras do mundo físico, o que podemos entender como uma metáfora de sua dificuldade em aceitar os seus próprios aspectos sombrios. Mas, como Jung nos lembra (1978), uma vez ignorada, a sombra vai eclodir nos momentos mais inoportunos, manifestando-se com força total, sobrepujando o *self*. Um dos temas mais explorado por Hawthorne em suas obras é a simbologia da queda do homem pelo pecado e pela mortalidade. Em *The marble faun* não é diferente, e, como na mítica queda de Adão, Donatello cairá em suas próprias sombras conduzido pelas mãos de jovem e bela mulher, Miriam, por quem Donatello devota um grande amor.

Na cena narrada, podemos ver claramente a aversão que Donatello tem pela escuridão profunda onde ele se encontra. No entanto, assim que ele percebe o desaparecimento de Miriam, ele se compromete dizendo: "Eu vou buscá-la, mesmo sendo escuridão sempre tão triste!" (HAWTHORNE, 2004 p. 14). E essa situação traz mais uma questão - o papel de Miriam na sedução e revelação da sombra de Donatello, desde a introdução de um terceiro personagem - o monge cappuchinho - irmão John - o homem misterioso que segue Miriam dentro e fora da caverna subterrânea onde começaram suas jornadas. Miriam traz uma vida cheia de mistérios e segredos, e, em certos momentos, ela tenta evitar a intromissão de Donatello em tais assuntos. Mas ele prometeu que ele a procuraria na mais profunda escuridão, e essa promessa é cumprida até o final - escuridão essa que conduzirá Donatello ao encontro não desejado com seu próprio aspecto sombrio.

A representação da mulher com um papel decisivo na queda ou salvação do homem é mais uma característica constante na obra de Hawthorne. O autor parece apresentar sempre dois extremos de mulheres em sua ficção - aqui representadas por Miriam e Hilda. Miriam é a mulher misteriosa, sombria, com um passado que precisa ser ocultado dos demais e com experiência na arte da sedução e da conquista. Seu contraponto é Hilda, uma mulher inocente, virgem, virtuosa e com uma excessiva fé religiosa que é manifestada em diversas passagens do romance. Contudo, ambas representam aspectos da salvação do homem, seja pela sua queda e oportunidade de redenção, como Miriam para Donatello, ou como aquela que vai trazer calor e compaixão, nutrindo de forma quase maternal, trazendo o homem para os desígnios de Deus, como Hilda para Kenyon. Fica claro pela narrativa e desfecho da obra que Hilda representa o padrão moral no qual Hawthorne acreditava e que aparece de forma transparente em seus contos e romances.



Donatello está apaixonado por Miriam, e esse sentimento o seduz para dentro da vida desta mulher. Ele tem sentimentos profundos e fortes que lhe permitem enfrentar o perigoso e diabólico inimigo de Miriam. No entanto, não sabemos o segredo que Miriam está escondendo de Donatello e seus amigos, e também não sabemos o tipo de relacionamento que ela tem com o homem que a persegue – o passado de Miriam é nebuloso e a mesma adverte Donatello que ele deve deixá-la pois se ele continuar próximo dela será levado à destruição. Na verdade, Donatello está envolvido em uma causa que ele não conhece inteiramente, e essa é a mesma situação que o lançará no abismo de sua própria sombra. Em outra passagem do romance, Donatello reafirma seu medo da escuridão, e podemos notar aqui uma excitação de um homem que está à beira de enfrentar sua própria sombra. É Donatello quem diz

Para dizer-lhe a verdade, querida signorina, respondeu o jovem italiano. Eu sou capaz de ter medo em casas antigas, sombrias e no escuro. Eu não amo cantos escuros ou sombrios, exceto que esteja em uma gruta, ou entre as espessas folhas verdes de um mandril, ou em algum canto da floresta, como conheço muitos no bairro da minha casa. Mesmo lá, se um raio de sol vagueado roubar espaço, a sombra é melhor para o seu brilho alegre. (HAWTHORNE, 2004, p.24)

Donatello teme a escuridão porque a escuridão vive dentro dele, embora ele não perceba isso, ele tem uma intuição que é revelada pelo seu pânico de lugares sombrios. Revelar esse lado obscuro da psique humana é um dos papéis fundamentais das artes e da literatura. Nietzsche costumava dizer que temos as artes para encarar a realidade, e porque não queremos ser massacrados pela realidade. Os sentidos de Donatello estão evitando sua sombra em um processo que corta sua própria sanidade. De acordo com Jung (1964), precisamos perceber e compreender a nossa sombra, a fim de manter o equilíbrio e cumprir o nosso processo de individuação. Em seu impulso de evitar o contato com seu lado sombrio, Donatello acaba suprimindo algo que se tornará mau ou diabólico, como sugere Marie-Louise von Franz,

Na verdade, o princípio de individuação está relacionado com o elemento diabólico na medida em que o último representa a separação do divino dentro da totalidade da natureza. Os aspectos diabólicos são os elementos destrutivos – os afetos, o impulso autônomo de poder e coisas semelhantes. Eles rompem a unidade da personalidade. (VON FRANZ, 1991, p.21)



A supressão é a palavra-chave para entender o que acontece com Donatello após o assassinato do estranho homem religioso que estava perseguindo Miriam. Donatello estava envolvido no mundo de Miriam de forma a despertar sua personalidade sombria no ponto culminante de matar o homem que era o vínculo perigoso com um passado que Miriam não queria lembrar. Na cena central e violenta, este homem é lançado de um precipício - um ato que permite a abertura da porta que bloqueava a sombra de Donatello, e, a partir desse ato, Donatello deixa de lado o seu aspecto silvestre, ingênuo e pueril. Donatello deixa de ser um fauno torna-se um homem.

Uma vez que a porta está aberta, não é possível para Donatello fechá-la. É neste momento que ele está mergulhado em seu lado obscuro e sombrio, o que faz com que o fauno brilhante se transforme em uma criatura obscura e triste, ao qual não é mais permitido dançar e espalhar alegria. A tensão entre o que Donatello pensou que ele era e o que ele se tornou o desconcerta de forma que ele não é capaz de viver a vida que ele teve, ou de ser uma mágica e brilhante criatura mitológica para seus amigos. Miriam tenta convencê-lo de que ele não fez nada de errado e que o homem merecia morrer, e que ele, então, não estava praticando nenhum ato maligno ao matar esse homem.

Deshumanizar a figura do homem religioso é a estratégia que Miriam usa para convencer seu amante de que eles não haviam feito mal. Desumanizar o inimigo, colocá-lo de lado, sair do mundo do homem e colocar-se em uma categoria superior é um esquema muito comum na história dos grandes genocídios e tem sido usado como uma desculpa para os piores atos humanos. Miriam tenta convencer Donatello de que seu ato não era mau, porque eles não mataram o mesmo, que o homem era o perverso, então ele merecia morrer. Miriam e Donatello demonizam este capuchinho para se sentir melhor sobre o terrível ato que eles haviam realizado.

No entanto, Donatello não está convencido, e seu contato direto com sua mais profunda escuridão modifica sua personalidade e dificulta o seu processo de individuação. A maneira como ele tem o acesso à sua sombra não é saudável, então o contato com sua parte perversa acaba por destruí-lo. O confronto com o mal que uma pessoa é capaz de realizar é uma experiência mortificante e destrutiva. A tensão entre o eu imaginário e o material, entre a sombra e o self, provou ser para Donatello, no episódio do assassinato do capuchinho, uma janela para sentimentos tristes, sombrios e mesmo violentos que sua



semelhança com a imagem pueril do fauno tentavam esconder. Ele é jogado no encontro indesejável com o pior lado que vive dentro dele. A sombra personifica tudo o que o sujeito se recusa a reconhecer sobre si mesmo e representa uma passagem apertada, uma porta estreita, cujo embate doloroso, ninguém é poupado.

No entanto, é tarde demais para ambos. O amantes não cumprirão o desejo inicial de amor e ternura. Donatello é destruído por sua própria fraqueza ao não aceitar seu lado sombrio. Ele não pode admitir sua fraqueza e sua capacidade de atos malignos - o assassinato do capuchinho. Seu lado brilhante e silvestre está agora escuro, sombrio e sujeito às suas lembranças sobre a tragédia que sua vida se tornou. Ele percebe que ele não é a pessoa que ele achava que era e a consciência de sua própria constituição o transforma em uma flor murcha. As serpentes da sombra acabaram devorando sua alma.

Referências bibliográficas

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Marble Faun*. New York: Dover Edition, 2004.

JUNG, Carl. *Man and his Symbols*. London: Picador, 1978.

JUNG, Carl. *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Princeton: Princeton University Press, 1964.

MALRIEU, Philip. *A Construção do Imaginário*. Translated by Susana Sousa e Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

VON FRAN, Marie-Louise. “A Percepção da Sombra nos sonhos”. In: ZWEIG, Connie, *Ao Encontro da Sombra – O Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.